



José Gabriel Ávila*

Sismo de 98: o nascer do dia na RTP-A

“O sismo de 98, como outros de que reza a nossa história secular, deixou marcas irreversíveis que se mantêm no imaginário das populações e das famílias.”

1. De repente, o telefone tocou. Era ainda escuro. Acordei sarapantado e pensei de imediato: aconteceu alguma desgraça. Do outro lado da linha a voz de minha irmã Graça, anunciando-me um sismo forte, que abalara a sua casa. Felizmente estavam todos bem, mas na expectativa de a terra voltar a tremer de novo.

De imediato, pus-me a pé e decidi ir até à Ernesto do Canto para contactar os meus colegas da Horta.

Ponta Delgada ainda dormia. Não havia viv'alma pelo caminho.

Lembrei-me de ir ao Instituto de Meteorologia e Geofísica, no Relvão, para inteirar-me do fenómeno geológico e das suas consequências. Muito poucas informações. Deram-me uma carta geológica da zona sinistrada, naturalmente muito incipiente e foi essa a informação a que recorri para inteirar-me da amplitude do sismo.

-E agora, que fazer? -pensei antes de chegar ao edifício da RTP-A. -Telefonar para a delegação da Horta e saber o que se estava a passar.

Na ocasião, substituíva interinamente, a Chefe de redação ausente em Lisboa de visita à Expo 98 com a Diretora do Centro Regional.

À entrada das instalações deparou-me com o David Freitas que, sabendo do sucedido, recolheu informações muito detalhadas dos estragos e da tragédia que se abatera na ilha do Faial. O seu dinamismo e competência, a sua vontade de dar a notícia primeiro e de cobrir a grave situação do Faial, conjugaram-se comigo. Decidimos abrir a emissão e efetuar as ligações diretas possíveis com os colegas da delegação da Horta.

Os minutos passavam e não havia tempo a perder. Alguns operadores começavam, entretanto, a chegar. Com o “agreement” e incentivo do Chefe da Programação, Alexandre Simas, preparou-se o velho estúdio da Ernesto do Canto para abrir a emissão e eu apresentar o serviço informativo. Mas como, se eu não estava preparado para tal? Sem casaco, sem gravata – a indumentária formal então em uso?

Dirigi-me à sala da caracterização. Curiosamente, dependurado atrás de uma porta estava um casaco azul escuro que mais tarde vim a saber ser do jornalista Paulo Martinho. Vesti-o, mas ficava-me apertado e curto, pois não estava talhado para mim. Mas era o que havia e foi com ele que apresentei a emissão durante certa de três horas, com diretos de vários locais do Faial, nomeadamente do Hospital da Horta e de algumas povoações sinistradas, algumas intervenções em direto no Canal da RTP, e todo esse trabalho efetuado com o profissionalismo de jornalistas e operadores da Delegação da RTP-A, pese embora a escassez de meios existentes.

Não sei se os arquivos da estação regional acautelaram as primeiras horas de emissão pós-sismo, onde se comprovou a dedicação, competência e profissionalismo dos seus trabalhadores, ou se houve algum “apagão”.

Seja como for, impõe-se relevar os profissionais faialenses da RTP, que desde muito cedo deixaram suas casas e famílias, algumas também sinistradas, para colocaram em primeiro lugar o serviço público informativo da televisão. Este trabalho e dedicação foram sobremaneira destacados pelos responsáveis do canal nacional cuja emissão, ao longo do dia, contou sempre que o entendiam, com o contributo do C.R.Açores da RTP.

Foi nesta e noutras situações de catástrofe que se comprovou a necessidade de existirem delegações e correspondentes em diversas ilhas para acompanharem in loco e em cima do acontecimento o que acontece nestas ilhas.

Hoje, com o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação e a democratização das redes sociais, a TV dispõe de novas e diferentes competências e funções.

2. Na segunda-feira seguinte, iniciei férias, embarcando com a família no ferry “Express Santorini” em viagem pelas diversas ilhas entre São Miguel e o Pico.

Outros tempos, em que os açorianos retomaram as antigas viagens navegando pelos canais inter-ilhas, parando e constatando as diferenças da nossa cultura e identidade, traduzidas nos falares, costumes, maneiras de ser e de estar, na arquitetura rural e sobretudo na paisagem singular de cada ilha.

No Pico, no rescaldo daquela madrugada atribulada, trágica, difícil de esquecer, tomei conhecimento dos estragos registados e das situações com que se deparavam muitas famílias sinistradas.

O sismo de 98, como outros de que reza a nossa história secular, deixou marcas irreversíveis que se mantêm no imaginário das populações e das famílias.

A reconstrução é um tempo penoso pela demora, insatisfação e dificuldades causadas à estabilidade e conforto familiares, se bem que constitua uma fase importante para a reabilitação e modernização do parque habitacional.

Recordo-me de na altura ter sugerido que no tempo de pré-reconstrução, reservado ao levantamento das situações, à aprovação de legislação de apoio e à elaboração dos projetos arquitetura, fossem ministradas ações de formação profissional para melhorar as competências dos trabalhadores da construção civil.

A sugestão caiu, infelizmente, em saco roto e foi pena, pois algumas das obras não teriam sido deficientemente executadas, os trabalhadores e empresas teriam beneficiado dessa formação e ter-se-ia ganho com a utilização de novos equipamento.

Vinte e cinco anos após o sismo de 98, é importante recordar a data aos mais novos enaltecendo o contributo e sacrifício de tanta gente sinistrada e relevando o trabalho dos reconstrutores e dos profissionais da comunicação social. Nas zonas instáveis do Faial e do Pico, eles ajudaram a reerguer vidas e a consolidar o amor à terra, por vezes madrastra, destas ilhas atlânticas.

